

SUSAN LEWIS

Escândalos em Família

Tradução de Alcinda Marinho

Capítulo Um

Em Holly Wood, nunca acontecia nada. Enterrada no coração do Somerset rural como uma ameixa num pudim, mais não era que um sonolento lugarejo, delimitado em três lados por um rio serpenteante e ligado às aldeias vizinhas por vastas clareiras cobertas de erva e um emaranhado de caminhos rurais, que fluíam por entre as sebes como veias numa errância sem plano. A localidade só tinha para mostrar umas poucas centenas de construções, algumas do século dezasseis, outras da era vitoriana e outras, ainda, como a avenida de bangalôs que se enrolava como uma cauda animada em torno do limite sul da aldeia, dos anos sessenta. Recentemente, uma coleção uniforme de novas construções brotara no que antes fora o Bluebell Field, ao lado de Bruton Road. As casas mantinham-se juntas como um grupo de alunos novos às portas de uma velha escola, ainda demasiado desajeitados para serem aceites na multidão, mas esperando a oportunidade, ansiosos e tímidos.

A rua principal de Holly Wood era simultaneamente peculiar e banal, começando num dos extremos com um socalco com quatro casinhas típicas do campo, dignas de um postal, seguidas pela oficina de mecânica e serviço de táxi de Tom Sebastian, vindo depois o Friary com a sua fachada Tudor de imitação e letreiro de néon balançante, onde as letras O, P e N se acendiam quando o balcão de peixe e batatas fritas estava a servir comida. Ao lado, ficava o velho Midland Bank, que há muito fechara as portas, depois vinha o Neeve's, a loja da aldeia, que funcionava também como posto dos correios até às reduções de custos ocorridas recentemente. Agora, os habitantes tinham de guiar seis quilómetros e meio até Bruton para comprar selos, levantar encomendas e receber os vales de reforma, e quem não tinha carro aceitava de bom grado uma boleia ou apanhava o autocarro oitenta e cinco, que descrevia um tortuoso percurso pitoresco até à cidade medieval de Wells. A seguir à loja, vinha a curva para Holly Way, onde as casas mais caras da aldeia davam para o rio; depois ficava St Gregory's, a velha e decadente igreja normanda, aconchegada no meio da sua desordem de tortas lápides de relevo desbotado, como um avô severo que vigia a sua prole adormecida. A rua principal era

cortada ao meio por uma estreita faixa verde, onde o obelisco de Holly Wood, um monumento de guerra, e dois bancos de jardim com reluzentes placas de bronze se erguiam, como sentinelas, em ambas as extremidades de um cuidado canteiro de beijos-turcos, ou cravos-de-defunto, ou cíclames, dependendo da altura do ano – e do que Mimi, a florista, tivesse em armazém.

Em frente à igreja havia uma longa faixa ajardinada que pertencia ao Traveller's Rest, ao passo que o pub, cujo aconchegante interior era dominado por uma grande lareira de pedra e abundantes vigas tortas de madeira negra, ficava na esquina de The Close – uma rua estreita e frondosa que descia até ao rio, para depois infletir a marcha, oferecendo uma estrada alternativa de saída da aldeia. Na esquina oposta havia um muro alto de tijolos que rodeava um terreno baldio, ao lado do qual ficava uma loja de caridade entaipada. Acima dela, elevava-se o campanário de uma velha torre de relógio como um chapéu de mágico gigante, depois vinha o empório floral de Mimi, com os seus coloridos cestos suspensos e a muito apreciada *franchise* da Interflora. Seguiam-se-lhe mais algumas casinhas de fachadas planas e uma pequena fiada de lojas vazias que antes eram ocupadas pelo talho do Stan, a frutaria da Goldie e a loja da Felicity, a costureira. Agora, a Felicity subia bainhas e ocasionalmente desenhava um ou outro vestido de casamento em casa, enquanto Stan oficiava atrás do balcão do talho do supermercado Tesco da zona e Goldie trabalhava para um paisagista.

Embora Holly Wood fosse decididamente uma aldeia agradável, com os seus sedutores enclaves de ruas empedradas, e reclamasse a glória de ter outrora dado refúgio ao Rei Charles em fuga – o esconderijo era tão secreto, que mesmo os locais pareciam não saber exatamente onde ficava –, não era suficientemente atrativa para desviar muitos visitantes das ofertas mais exóticas do condado, como as de Glastonbury, Wells e Cheddar. No entanto, a placa que assinalava a aldeia, a cerca de uma milha da entrada, era com frequência fotografada por turistas e viajantes mais empreendedores, que pareciam apreciar a ideia de tropeçar numa placazinha tão peculiar, com pretensões de altivez e glamour no coração da Inglaterra rural.

Apesar de os residentes de Holly Wood serem, genericamente, pessoas amigáveis, preferiam que os turistas tirassem as suas fotografias e se fossem rapidamente embora, uma vez que não apreciavam particularmente serem observados, ou que lhes perguntassem em que filmes já tinham aparecido, ou onde morava George Clooney, a que se seguiam risos sarcásticos, como se fosse a primeira vez que alguém dizia a piada. Na verdade, não lhes agradava

de todo ver as suas existências espiolhadas por estranhos, em especial os que tentavam mudar as coisas, ou dizer-lhes como viver as suas vidas. Havia interferências que não podiam evitar, como as dos vereadores do condado, mandões, com as confusas regras sobre reciclagem e as ainda mais bizarras latas de tinta amarela para prevenir o estacionamento na rua principal – imposição rigorosa e universalmente ignorada. Os residentes de Holly Wood orgulhavam-se de serem uma comunidade que se autorregulava com sucesso, com um ativo esquema de Vigilância de Bairro, um serviço de motorista para os idosos e doentes altamente eficiente – sustentado por peditórios porta a porta levados a cabo semanalmente pelas Escuteiras – e uma consciência ambiental (depois de resolverem a confusão em torno da utilização de vidrões e plásticos) que lhes havia merecido rasgados elogios no *Fosse Way Magazine* e no *The Buzz*, dois oráculos de grande prestígio na zona.

No dia em que Alicia Carlyle se dirigiu à aldeia, no seu carro solitário serpenteando pela luxuriante manta verde do campo, com uma pequena mala e um computador portátil no banco de trás do seu Renault em segunda mão e uma mágoa no coração demasiado viva para lhe poder pôr o dedo, não havia qualquer indicação do que se seguiria. A tranquilidade estival tinha o carácter suave e inabalável de um quadro e a cabeça de Alicia concentrava-se apenas numa coisa: esvaziar-se do que deixara para trás. O que a esperava após uma longa ausência – não por escolha sua – podia ser pior, mas também não ia pensar nisso. Iria simplesmente prosseguir a viagem, manter os olhos na estrada e os pensamentos ocupados em questões descomplicadas, como a necessidade de comprar leite quando chegasse à aldeia, e o facto de tudo lhe parecer tão maravilhosamente familiar e convidativo sob o generoso brilho da luz do sol.

Alicia era alta, muito magra, com cabelo comprido louro e frisado, que lhe caía pelas costas num emaranhado de espirais cheias de vida. Os olhos eram azuis claros – tão claros e convidativos, costumava Craig dizer, como uma onda tropical antes de chegar à praia. *Dão-me vontade de avançar por eles adentro, para poder ficar ainda mais perto de ti e, se calhar, descobrir o que se esconde nas profundezas mais escuras.* Alicia sorriu ao recordar as palavras, mas depois os seus lábios tremeram e contraíram-se quando a dor lançou o seu manto escuro sobre a recordação. Naquela altura não tinha segredos nenhuns e, tanto quanto sabia, ele também não.

A boca grande e vermelha de Alicia era um elemento vital do seu belo sorriso, tão contagioso como o timbre do seu riso juvenil. Apesar de ter completado trinta e nove anos há uma semana, os acontecimentos dos últimos

dois anos – e, em particular, dos últimos seis meses – faziam-na sentir-se mais perto dos cinquenta. Nas semanas anteriores tinham-lhe aparecido várias rugas e o seu rosto, como o seu interior, tinha-se povoado de sombras. Naquele dia estava vestida com o seu habitual visual de calças de ganga justas com rasgões nos joelhos, camisa branca comprida com um cinto descaído e colete bordado à mão, juntamente com o seu característico boné masculino, que completava o conjunto – um *look* muito apreciado por Darcie, a sua filha de doze anos viciada em moda.

Alicia crescera em Holly Wood. Depois de deixar a aldeia para estudar História da Arte em Oxford Brookes, ainda voltava, de visita, com regularidade, passando longos fins de semana com a mãe, assim como as férias de verão e o Natal. Este hábito não mudara depois de conhecer Craig e de se casar. Tinham apenas falhado o Natal do ano em que Darcie nascera, altura em que Monica tinha ido para Londres para ajudar a tomar conta de Nathan, de cinco anos.

Alicia nunca teria conseguido sobreviver aos primeiros dezoito meses da vida de Darcie sem o apoio da mãe, e o mesmo se passava com Craig. O terror de poderem perder o seu precioso bebé a qualquer momento tornava-lhes impossível continuarem a funcionar como uma família normal, até o misterioso vírus que atacava o pequeno coração da bebé ser diagnosticado e tratado, ou recuar por vontade própria. Monica esteve lá em todos os momentos, calma e firme, apertando as rédeas em torno dos seus medos desenfreados, e mantendo constantemente as suas esperanças vivas, mesmo nas horas mais sombrias. E, igualmente importante, Monica fora maravilhosa com Nat, fazendo-o sentir-se especial e o centro do mundo para ela, enquanto a mãe e o pai estavam no hospital, forçando a irmã a permanecer entre os vivos.

O vírus misterioso nunca fora identificado, mas hoje ninguém adivinharia o início de vida difícil de Darcie. Ela era a imagem da saúde, tão alegre e sociável como qualquer menina da sua idade, com um coração que batia no lugar certo e uma autoestima, digamos, bastante desenvolvida. Só pensar em Darcie era suficiente para aquecer o coração de Alicia por completo e, quando adicionava ao quadro o seu jovem e bonito filho, agora com dezassete anos, recordava-se de todos os motivos que tinha para estar grata.

Agora, ao sair da estrada principal A37, afastando-se da vista distante de Glastonbury Tor para iniciar o percurso sinuoso para Holly Wood, Alicia sentia as entranhas insuportavelmente tensas. Perguntava a si mesma quanto a aldeia poderia ter mudado desde a última vez que a vira, mesmo sabendo

que quase de certeza não mudara nada, porque tal nunca acontecia. Era uma das coisas que mais lhe agradavam em Holly Wood, mas também o que temia. Nunca teria deixado de vir ali, se a mãe não tivesse insistido. Teria encontrado coragem para enfrentar a confusão em que estavam todos mergulhados, mas Monica não podia suportar o conflito que se desenvolvera entre Alicia e o seu irmão mais velho, Robert, que ainda vivia na aldeia com a esposa, Sabrina, e a jovem, volúvel e requintadamente bela filha desta, Annabelle. Embora nem Robert nem Alicia fossem responsáveis por aquilo que causara a divisão no seio da família, sempre que Alicia estava por perto, Monica sentia-se obrigada a escolher um dos lados, sem nunca o fazer. Quando adoeceu com cancro, Alicia desistiu de discutir. O stress só iria piorar a situação da mãe e o seu grande amor por ela fazia-a desejar que vivesse por muitos e longos anos, mesmo que não a pudesse ir visitar.

Monica morrera há um ano. Nessa altura, estava num hospital para doentes terminais a dezasseis quilómetros de Holly Wood, por isso Alicia pôde visitá-la sem lhe causar perturbação. Permanecera ao lado da mãe até ao fim, segurando-lhe as mãos, acariciando-lhe o rosto e jurando pela vida dos filhos que a perdoava por a ter afastado de si.

– Não te quis excluir da minha vida – disse Monica em voz rouca, com as lágrimas a correrem dos olhos amarelados. – Sabes que te amo do fundo do coração, não sabes?

– É claro – tranquilizou-a Alicia. – Era uma situação impossível. Estavas no meio...

– Mas a culpa não foi tua. Deveria ter-te apoiado.

– Isso não interessa, mãe. Eu sobrevivi e foi importante para ti poderes continuar a viver lá em casa.

Monica não contestou. Não podia, quando Holly Wood era o único lar que tinha conhecido nos últimos quarenta e dois anos – nos dezanove antes disso, vivera numa aldeia vizinha, onde crescera. Nos últimos dias de vida da mãe, a pedido desta, Alicia trouxe Nat e Darcie para se despedirem. Tinha sido de cortar o coração ver Darcie, que na época mal tinha onze anos, soluçar agarrada à mão ossuda da avó, pedindo-lhe para não morrer, mas mais difícil ainda foi a forma como Nat, de quinze anos, que sempre adorara a avó, se tinha recusado a aproximar-se mais do que da extremidade da cama. O seu rosto pálido e bonito exibia a sua dor, mas o facto de Monica não ter querido incluir o pai nas suas despedidas finais era uma desconsideração que não podia perdoar.

Craig tampouco assistiu ao funeral. Alicia e ele tinham concordado que seria melhor assim. Alicia sabia que Nat ainda estava confuso com as decisões que os pais tinham tomado, mas explicá-las tê-lo-ia confundido e magoado ainda mais, e ninguém, Alicia menos que qualquer outra pessoa, desejava isso.

Esta era, assim, a primeira vez, desde o funeral da mãe, que Alicia ia pôr os pés na aldeia onde crescera com Robert, onde a mãe organizara todos os eventos de caridade e o pai, à imagem do avô, fora médico de clínica geral. Em crianças, tinham sido muito dedicados ao pai, que possuía o dom mágico de fazer tudo ficar bem quando o fim do mundo se aproximava rapidamente, transformando pequenas conquistas nos maiores triunfos com o seu riso estrondoso e elogios fáceis. Perdê-lo quando ainda estavam na adolescência abriu os olhos de Robert e Alicia para a arbitrariedade cruel da vida. Robert tomou consciência deste facto de forma particularmente dolorosa, uma vez que o pai se afogou ao tentar salvá-lo de uma corrente traiçoeira quando estavam de férias em Espanha. Apesar de terem decorrido mais de vinte anos sobre este terrível acontecimento, ainda mal se passava um dia sem que Alicia não pensasse no pai, e Alicia sabia que o mesmo acontecia com Robert. Durante os últimos dois anos, deu consigo muitas vezes a pensar como reagiria o pai aos acontecimentos que tinham desfeito a sua família. Quão diferente o seu mundo poderia agora ser se o pai ainda estivesse entre eles.

O sentimento de estranheza no seu interior começou simultaneamente a agudizar-se e a ficar mais suave, à medida que o vulto preguiçoso da aldeia apareceu no horizonte. Era uma vista maravilhosa, mas que, ao mesmo tempo, lhe causava dor. Junto à povoação, o novo bairro aquecia-se ao sol, parecendo demasiado polido e vistoso ao lado do conjunto de edifícios a cair de velhos, como uma rapariga de baixo nível às portas de uma mansão majestosa com esperanças de ser aceite, como dissera certa vez Craig.

A rua principal estava deserta quando Alicia entrou na aldeia, não se vendo viva alma nem mesmo na esplanada do pub, tanto quanto podia perceber. No entanto, a notícia do seu regresso espalhar-se-ia rapidamente, uma vez que a sua decisão de parar na loja da aldeia para comprar o leite de que se esquecera no Sainsbury, à saída de Londres, teria o condão de pôr as coisas em andamento.

A peculiar lojinha não mudara muito – o mesmo sininho por cima da porta, o aroma familiar a alçaçuz e tabaco, e as prateleiras repletas de frascos, caixas e latas dos anos setenta. O balcão de charcutaria estava no lugar do costume, cheio de fiambres de Wiltshire, fatias de bacon do campo curado,

carne salgada de fabrico local e suculentas porções de queijo de Cheddar. A gaveta do dinheiro fora substituída por uma versão mais moderna, mas os jornais continuavam em exibição numa prateleira em frente à arca dos gelados e uma ilha oval no meio da loja permanecia lar de todo o género de artigos, desde saquinhos de chá Tetley a bisnagas de Germolene e grelhadores para churrasco descartáveis em tabuleiros de folha de alumínio. O que antes era o posto dos correios fora transformado num grande balcão refrigerado, que vendia pãezinhos acabados de fazer, tartes de carne da Cornualha, quiches, Ovos Escoceses e uma seleção impressionante de refrigerantes. Havia até, reparou Alicia, um balcão de frio separado para o vinho e duas mesas tipo bistrô que exibiam menus para o chá, escritos em pequenas lousas entaladas entre o açucareiro e os temperos. Era a resposta de Holly Wood à cultura dos cafés.

Quando a Sra. Neeve apareceu de rompante vinda das traseiras, Alicia pegou num pacote de meio litro de leite e agarrou na mala para pagar.

– São sessenta *pence* – anunciou a Sra. Neeve, não a reconhecendo de imediato.

Alicia entregou-lhe o dinheiro e sorriu à medida que o rosto da Sra. Neeve passava de inexpressivo a curioso para, depois, exibir um espanto e prazer genuínos.

– Alicia? – perguntou, inclinando a cabeça para um dos lados. – Sim, é verdade. Diabos me levem. Que surpresa. Não sabia que vinhas. Como estás, minha querida?

– Estou bem – garantiu-lhe Alicia. – E a senhora?

– Oh, sabes como é, não me quero queixar, mas estive tanto calor nestes últimos dias... Vens de visita, é? Quanto tempo vais ficar? – A sua voz adquiriu um tom mais sombrio. – Lamento imenso a tua perda. Sei como vocês eram próximas, por isso deve ter sido difícil para ti nestes últimos...

– Obrigada – disse Alicia suavemente. – Estou a ver que o posto dos correios se foi. Deve sentir a falta de estar à frente daquilo.

– Oh, e sinto, é verdade, mas não havia nada a fazer. Não que a gente não tenha lutado para o manter. Se calhar até nos viste nas notícias. Já sabes como a Sabrina é quando começa uma das campanhas dela. Quase sempre ganha, Deus a abençoe, quer esteja a resolver uma questão dos idosos ou a proteger a vida selvagem ou a tentar salvar o nosso velho postozinho dos correios. Mas fez-nos lutar um bocado mais do que muitos, porque era a nossa segunda batalha. És capaz de te lembrar de como ganhámos a primeira há alguns anos. Mas para esta não havia hipótese. Tinham as ideias resolvidas, precisavam de

cortar custos e tínhamos a cabeça no cepo, não havia nada a fazer. Acho que para a Sabrina o golpe foi duro. Ela não gosta disso – de perder, e na altura nem parecia andar em si... Agora está muito melhor, agrada-me dizer. Ou pelo menos estava, da última vez que a vi, mas já sabes como isto é, um dia bem, no outro em baixo. Acho que nunca descobriram qual era o mal dela, não é? Ainda no outro dia estava a dizer à Mimi, ela tenta fazer demasiada coisa ao mesmo tempo, esse é o problema. Devia ter um bocadinho mais de calma. Vê se me entendes, nem sei onde metade de nós estaria sem ela. Metemo-nos numa alhada do caneco quando tivemos de organizar a festa de verão sozinhos, por causa do problema que ela teve, e o festival das colheitas. E no Natal ainda não estava grande coisa...

Alicia sorria educadamente, sabendo que teria de se habituar a ouvir o nome de Sabrina, mas desejando apenas encontrar uma frase de saída adequada sem parecer grosseira.

– Mas olha só para mim aqui a tagarelar – disse a Sra. Neeve maternalmente –, e nem sequer te perguntei pelos miúdos. Também vieram? Adorava vê-los. Devem ter mesmo crescido desde a última vez que os vi.

– Se calhar até de mais – disse Alicia num tom irónico. – Não me vou esquecer de os mandar vir vê-la quando chegarem. Agora tenho de ir, obrigada pelo leite – e, antes que a velha e mexeriqueira senhora pudesse tomar fôlego para prodigar mais louvores à duvidosa Sabrina, ou perguntar de novo quanto tempo Alicia iria ficar, bateu rapidamente em retirada.

Sabia que, quando chegasse a casa da mãe, a notícia da visita surpresa estaria a zumbir pelas linhas telefónicas de Holly Wood como uma corrente elétrica, espevitando o interesse de todos. Provavelmente, teriam uma ideia do motivo para ela aparecer naquele momento, alguns falariam mesmo com o tipo de autoridade que sugeria estarem na posse de informação privilegiada, embora isto não fosse verdade porque Alicia não tinha falado com ninguém antes de vir. Durante algum tempo, equacionou a ideia de entrar em contacto com a sua mais antiga e querida amiga, Rachel Herrington, mas acabara por decidir esperar até se instalar antes de informar Rachel de que estava de volta. Rachel sentir-se-ia obrigada a arranjar um tempo para a vir cumprimentar, mas, como única veterinária em muitos quilómetros ao redor, era um luxo que não se podia permitir.

Alicia contornou com o carro o parque relvado da aldeia, como os moradores lhe chamavam, apesar da sua estreiteza e falta de relva, e sentiu que se começava a formar um caroço na garganta. Seria capaz de suportar guiar por

The Close, e depois ir até casa da mãe, sem a mãe estar lá? Tinha feito isto uma única vez, após o funeral, mas o lugar estava tão lotado de carpideiras que o vazio não tivera uma real oportunidade para se fazer sentir. Agora, depois de a evitar durante um ano, temia o que poderia encontrar: janelas quebradas, ratos, bolor, um jardim que se tornara irremediavelmente selvagem? Perguntou a si própria como podia ter permitido que aquilo que fora o orgulho e alegria da sua mãe se degradasse assim. Sentiu tanta vergonha que quase travou a fundo para se impedir de continuar a avançar.

Alguns minutos depois, ainda estava sentada no carro em frente à Old Coach House, olhando a relva recém-cortada e os cestos de flores frescas pendurados de ambos os lados da porta da frente negra. Em tempos passados, era aqui que as carruagens eram estacionadas, enquanto os seus proprietários aburguesados descansavam na pousada local. Os seus bisavós tinham transformado o edifício numa casa, cujo interior passara por várias mudanças ao longo dos anos, ao passo que o exterior, que estava classificado, nunca fora alterado, mas somente restaurado. Agora, as suas paredes Hamstone cor de mel, as janelas arqueadas de armação de metal e o telhado de ardósia negra reluziam molhados, por efeito de uma chuva de verão que caíra poucos minutos antes. Fazia o lugar parecer novo e lustroso. A roda de carruagem decorativa ao lado da porta parecia tão polida como a aldrava de bronze, e a clematite amarela em flor, que subia ao longo da treliça, era tão abundante e saudável como sempre fora no tempo da mãe.

Era como se alguém estivesse a viver ali, ou à espera dela, mas não podia ser. A única explicação que lhe ocorria era a de que Robert tivesse decidido tomar conta da casa, ou talvez pagar a alguém para o fazer.

Sentindo a tensão crescer dentro dela, Alicia pegou na mala e saiu do carro. No calor de julho, o cheiro da terra molhada misturando-se com um perfume de rosas assaltou-a imediatamente. Parte do odor vinha das plantas híbridas que ladeavam o caminho do jardim, o resto flutuava desde a porta ao lado, onde floresciam as requintadas rosas premiadas de Jerry. O vizinho instalara uma nova pérgula por cima do portão da frente, reparou Alicia, que estava coberta por uma planta trepadeira de flores de um rosa vivo e, ao lado, havia uma pequena e ornamentada caixa de correio que a irmã, Emily, que morava num dos bangalôs à beira-mar, tinha sem dúvida escolhido por ele, e à qual vinha provavelmente puxar o lustro diariamente. Alicia deu a volta ao carro e foi abrir o portão da frente. Apesar de as dobradiças rangerem, não estava a precisar de uma pintura, nem o caminho empedrado parecia particularmente

atacado pelas ervas daninhas. Alicia olhou para o velho cedro que dominava um dos lados do jardim e, imediatamente, lhe vieram à memória clarões de piqueniques de há muito tempo sob a sua sombra poderosa, e escaladas temerárias pelos seus ramos elevados. Podia ouvir os ecos de Robert e ela a rirem enquanto se aproximava da porta da frente, e do seu pai a dizer-lhes para terem cuidado.

Alicia remexeu a mala à procura da chave. Não pensava realmente que a mãe estava dentro de casa, mas o seu coração batia tão depressa que tinha as mãos a tremer e, apesar de ter feito uma viagem tão longa, não estava inteiramente segura de ter coragem para entrar.

– Alicia! És tu?

Com um sobressalto, Alicia virou-se. Do outro lado da estrada, onde antes ficavam os estábulos, havia agora um desnível com casas vitorianas alegremente pintadas de rosa, verde-água claro, azul-celeste, amarelo vivo, com uma fileira de garagens mais à frente, na direção do rio, cada uma pintada para combinar com a casa a que pertencia. Da casa cor-de-rosa saía uma mulher da idade de Alicia, rechonchuda, de cabelos encaracolados, com um sorriso jovial e a coxear visivelmente.

– És mesmo tu – exclamou a mulher alegremente. – Que bom ver-te!

Alicia começou a descer o caminho para a ir cumprimentar.

– Cathy – disse calorosamente. – É tão bom ver-te.

– Estava a pensar se virias – disse Cathy, agarrando nas mãos de Alicia e olhando-a nos olhos. – Soube o que aconteceu ao Craig... Lamento muito.

– Obrigada – murmurou Alicia. Tinham passado seis meses e ainda parecia que fora tudo ontem. Alicia engoliu em seco e procurou soar o mais agradável possível. – Como estás?

Os olhos escuros de Cathy permaneceram dois pesarosos lagos de compaixão.

– A pergunta importante é: como estás tu? – insistiu Cathy. – Deve ter sido um choque terrível. No teu lugar, não sei o que teria feito.

Alicia abanou a cabeça.

– Como é que as crianças reagiram?

– Mal, mas as coisas estão a melhorar.

– Eles vieram contigo? Quanto tempo vais ficar? Já sabes, se precisares de alguma coisa... O meu pai agora está sempre em casa, e eu só estou a alguns quilómetros daqui.

– Obrigada – disse Alicia de novo.

– Alicia! – Desta vez, a voz vinha do cimo da rua. Era Maggie Cox, proprietária do Traveller’s Rest e uma das mais antigas amigas da mãe. – Mal ouvi que estavas cá – disse Maggie, envolvendo Alicia num abraço afetuoso –, disse ao Andy, tenho de ir ver como ela está. Sabes que podes contar com o apoio de todos, não é, amor? É o que a tua mãe teria desejado, e é assim que vai ser.

As defesas de Alicia começavam a esmorecer. Eles não conheciam a verdade, não podiam, e, por serem tão leais e amáveis, desejava não ter de os enganar.

– Como está o Andy? – perguntou. – Da última vez que soube, vocês iam os dois abrir um bar em Espanha.

– Oh, um dia destes havemos de fazer isso – assegurou Maggie. – Quando tivermos tempo. Cathy, é o teu Matthew a chorar?

Cathy espetou a orelha.

– Caramba, é mesmo – respondeu Cathy. – Estou a ficar tão surda como o nosso pai – e, apertando a mão a Alicia apressadamente e lembrando-lhe onde a podia encontrar, iniciou o caminho de volta para a casinha cor-de-rosa do pai.

Com uma risadinha, Maggie disse:

– É boa rapariga, aquela. Tem filhos a mais, mas é de muito bom coração.

– Quantos é que ela tem agora? – perguntou Alicia.

– O Matthew é o quarto. Mas, e os teus? Como estão os dois? Aposto que o teu Nathan se está a transformar num belo rapaz. Que idade tem ele agora?

– Dezassete.

A referência ao filho serenou Alicia, parecendo remover os espinhos da sua tensão. Tocando-lhe no rosto com a mão, Maggie disse:

– Deve ter sido horrível para ti, assim tão de repente. Quando soube, disse logo ao Andy, será que a Alicia vem para cá? Fico contente por teres vindo, amor. Podemos tomar conta de ti como a tua mãe teria gostado. Vou visitar a campa dela, sabes, ao segundo domingo do mês, pôr-lhe flores. O Robert também vai quando está cá, mas deves saber isso. Eu disse ao Andy, as flores devem ser de todos, mas o Robert está cá mais vezes, por isso tem lógica que seja ele a pô-las, em nome deles.

Apercebendo-se de que Maggie estava a avançar desculpas para o facto de Alicia não visitar a campa da mãe, esta sentiu-se corar.

– Nos próximos dias vou em pessoa – garantiu.

– É claro. Se quiseres, vou contigo.

– Obrigada – disse Alicia, perguntando a si própria quantas vezes o prometera desde que chegara.

Ao ouvir um carro virar para a rua, as duas mulheres desviaram o olhar e, ao aperceberem-se de quem se tratava, o coração de Alicia deu um salto de alegria. Os olhos de Maggie tinham uma expressão divertida.

– Devia saber que ela não tardaria a aparecer por aqui – comentou. – Sempre foram inseparáveis, vocês as duas. Onde estava uma, de certeza que encontrávamos a outra.

Alicia sentia as emoções a ponto de transbordar, à medida que um vigoroso Honda atrevido se aproximava, estacionando atrás do seu Renault gasto.

– Que diabos fazes aqui? – disse num tom de censura, enquanto Rachel dava a volta ao carro para a vir abraçar, com o seu rosto muito corado, o cabelo escuro e brilhante e os olhos de um verde cristalino – Como soubeste...?

– Sei tudo – informou Rachel –, mas não graças a ti. Teria vindo mais cedo, mas infelizmente tive de ressuscitar um hamster.

– Mais cedo? – riu Alicia. – O teu consultório fica a, pelo menos, vinte minutos daqui, e eu não cheguei há mais de dez. Nem a mexerique de Holly Wood consegue viajar tão depressa.

– Não te fies nisso. À vinda para cá, recebi pelo menos cinco chamadas a informar-me de que tinhas chegado, mas nenhuma se compara à que recebi há uma hora atrás, a dizer-me que estavas a caminho.

Alicia exibiu uma expressão de compreensão.

– A não ser que Holly Wood tenha instalado uma torre de vigia – disse –, acho que deves ter sido informada por um dos meus filhos.

– Correto – sorriu Rachel. – Olá, Mags, desculpa nem te ter cumprimentado...

– Oh, não te preocupes comigo – atalhou Maggie. – Já me vou embora. Apareçam mais tarde, vocês as duas. Ofereço-vos um copo.

– Então, e porque não me disseste tu mesma que vinhas para cá? – perguntou Rachel, examinando Alicia com um olhar direto enquanto Maggie caminhava de volta para o pub. – Emagreceste – continuou –, e estás um bocado pálida, mas também não é de admirar. Desculpa não ter ido a Londres desde...

– Não faz mal. Sei que estás muito ocupada, e eu consegui aguentar-me.

Os olhos de Rachel mostravam a sua preocupação.

– Consegues sempre – disse –, mas desta vez...

– Desta vez foi mais difícil, é verdade. Há coisas que ainda não te contei. A casa... – a voz falhou-lhe e Alicia tapou a boca com a mão, enquanto Rachel a rodeava com um braço.

– Anda. Vamos para dentro – disse Rachel suavemente. – Acho que ainda deves ter uma chave.

Respirando fundo, Alicia forçou um sorriso e exibiu a chave.

– Acho que o Robert deve andar a vir cá – disse, enquanto percorriam o acesso à casa. – O jardim está em tão bom estado que alguém deve ter tratado dele. Sinto-me horrivelmente mal por não vir cá há tanto tempo.

Tirando-lhe a chave da mão, Rachel meteu-a na fechadura e abriu a porta de par em par.

– Bem-vinda a casa – disse suavemente.

Engolindo em seco em resposta à emoção crescente, Alicia preparou o espírito e cruzou a ombreira, entrando no espaçoso átrio de entrada com o chão de pavimento de lajes, onde uma ampla escada de madeira de corrimão esculpido ascendia junto a uma parede com a pedra exposta, e um grande espelho de moldura dourada cobria a outra. O cabide, a mesa do telefone e a sapateira estavam no mesmo lugar de sempre, tal como a poltrona de veludo cor de vinho, o vaso oriental pintado à mão com longas hastes de bambu de imitação, e o pequeno baú vitoriano onde a família costumava depositar as chaves quando entravam. Contudo, o que mais a emocionou foi o cheiro a sândalo misturado com limpa-móveis e um certo aroma a citrinos que era indefinivelmente a sua mãe. À medida que o sentimento de perda irrompeu de dentro dela, Alicia fechou os olhos e mordeu o lábio com força. Sabia bem que a mãe não ia sair a correr da sala de estar para a vir cumprimentar, mas desejava-o tanto que quase conseguia acreditar que tal podia acontecer.

– É óbvio que alguém tem vindo limpar a casa – disse por fim.

– E arejá-la – acrescentou Rachel.

Alicia continuou a olhar em volta do átrio, ouvindo ecos de vozes, pés a tropejar nas escadas, música estridente num quarto, a mãe nos seus afazeres na cozinha. As três portas que davam para o átrio estavam fechadas, e ela não estava totalmente segura de que quisesse atravessar alguma delas. A porta aos pés da escada dava para a pequena sala de espera do consultório do pai, que vinha a seguir. Após a morte do pai, permanecera intocada durante vários anos até que, por fim, a mãe encontrara coragem para transformar aquela ala da casa num pequeno escritório para si e numa grande sala de jogos para os netos.

A porta no final do átrio conduzia à cozinha, mas era a porta à direita que Rachel já estava a abrir. Alicia seguiu-a até à sala, onde as vigas de carvalho baixas, a lareira com bancos laterais e salamandra, as janelas com assento e os grandes sofás de cor rosa-escuro com poltronas que não combinavam eram como fantasmas do passado, simplesmente a passar tempo, aguardando o seu regresso. Parecia um sonho, uma bizarra ilusão atemporal. Se fechasse os

olhos e os voltasse a abrir, poderia ver a mãe ajoelhada na lareira a polir o latão da salamandra, ou batendo numa almofada para lhe dar volume, ou de pé junto à janela a corrigir a dobra de uma cortina. A imprevisibilidade de encontrar o lugar assim era quase insuportável. Era como se o tempo não tivesse passado desde o dia terrível em que ela e Robert tinham levado a mãe para o hospital – mas passara, e tantas outras coisas tinham mudado, que era agora difícil arranjar maneira de as coisas fazerem sentido.

Rachel mudou de posição até ficar na frente dela, olhando-a com curiosidade nos olhos. A sua cómica preocupação desenhava um sorriso nos lábios pálidos de Alicia. Isto era outra coisa que não mudara ao longo dos anos, graças a Deus, a amizade delas e a compreensão mútua que muitas vezes não precisava de uma só palavra. Alicia olhou em volta de novo, observando as aquarelas amadoras que pintara anos atrás, de vistas da rua principal da aldeia e do memorial de guerra; de Glastonbury Tor; de Somerset Levels; da Abadia de Bath; havia até uma da estação de Castle Cary. Que diabos a teriam levado a pintar aquilo, perguntava Alicia agora. E porque as teria conservado a sua mãe? E, contudo, todos os quadros que pintara antes de sair de casa estavam ali, em algum lugar. Monica costumava mudá-los de sítio de vez em quando, mas o lugar de destaque, por cima da lareira, fora sempre ocupado pela sua preferida, a ponte em arco que atravessava o rio para Holly Copse. Ao olhar para ela, um sorriso distante curvou os lábios de Alicia. Regressava a um tempo em que quase nunca pousava os pincéis e as tintas. Agora nem sequer tinha nenhuns, a não ser que houvesse algum material de pintura escondido no sótão. Os seus esforços artísticos concentravam-se presentemente na escultura, em peças satíricas ou pungentes feitas de bronze e aço.

Colocando-se ao seu lado, Rachel observou também o quadro. Tinham passado vinte anos, ou mais, desde que Alicia fora pela última vez ao Copse, que na verdade tinha tamanho suficiente para se lhe poder chamar um bosque. Em pequenos, era o lugar onde o pai costumava levá-los para colher amoras na primavera, ou fazer piqueniques no verão, ou apanhar castanhas no outono, ou recolher pinhas para as decorações de Natal. À noite, nas suas imaginações férteis, enchia-se de bruxas, fadas, duendes, de todos os tipos de monstros assustadores. Era o cenário das visitas de estudo escolares à natureza e, posteriormente, dos ritos de passagem da adolescência. Foram muitas as festas dadas lá, quando andavam no último ano do liceu. Consumia-se bebida em excesso, fumava-se erva, e tanto ela como Rachel tinham dado os seus primeiros beijos adultos no recanto debaixo da elevação conhecido como Declive

dos Amantes. Duas das suas amigas tinham mesmo perdido a virgindade lá, ou, pelo menos, era o que diziam.

– Os teus filhos costumam ir lá? – perguntou Alicia a Rachel, que emitia um suspiro sonhador.

– Agora vão menos do que costumavam – respondeu Rachel. – Já são demasiado crescidos para verem aquilo como uma aventura, e demasiado novos para irem às raves.

Alicia sorriu. Uma vez que Rachel e David tinham esperado para constituir família, a sua filha mais velha, Una, era da idade de Darcie, e Todd só há pouco cumprira nove anos.

– Então ainda há lá festas? – disse Alicia, avançando pela sala dentro.

– Pelo que ouvi, transformaram-se num dos eventos de presença obrigatória da região. Aparentemente, agora há miúdos que vêm de muito longe. Têm todos carros ou motos ou algum tipo de meio de transporte. Até vêm de Londres de comboio, segundo dizem.

Com tantas escolas públicas e privadas num raio de trinta quilómetros de Holly Wood, nunca faltariam jovens para as festas, pensava Alicia enquanto atravessava a área dedicada à sala de jantar e abria a porta da cozinha.

– Vamos tomar um chá? – sugeriu. – Ou um vinho, se não tiveres de voltar ao trabalho.

Rachel fez uma careta.

– Ótima ideia, mas infelizmente não trouxe nada comigo.

– Não há problema. Vim prevenida. Tenho tudo no carro.

Rachel estava adequadamente impressionada.

– Então, por que esperamos? – sorriu. – Vamos buscar o vinho. Tirei o resto do dia... – interrompeu-se quando o telefone começou a tocar no átrio. O seu olhar encontrou o de Alicia.

– Atende tu – disse Alicia. – Se for o Robert, diz-lhe que... – *Diz-lhe que nunca mais lhe voltarei a falar enquanto aquela cabra estiver a viver sob o mesmo teto que ele.* – Diz-lhe que não estou.

Enquanto Rachel percorria o átrio, Alicia voltou-se. Os seus olhos estavam muito abertos e vidrados e já não viam o que a rodeava. Eram olhos que queriam esquecer aquilo que tinham visto, apagar as imagens que os assombravam, sem nunca conseguirem.

– Craig! Já viste que horas são? – gritou Alicia. – Anda lá, senão vamos chegar atrasados.

– Já vou – gritou Craig em resposta.

Alicia voltou rapidamente para a sua elegante e recém-instalada cozinha de granito preto e carvalho branqueado, onde Darcie estava empoleirada num banquinho na ilha do centro, engolindo Coco Pops enquanto via uma emissão de GMTV no plasma, e a chaleira assobiava sobre o fogão Aga, pedindo desesperadamente para a tirarem dali. Fazendo-lhe a vontade, Alicia escaldou algumas folhas de hortelã fresca num copo para si e, em seguida, despejou a água sobre um saquinho de chá de pequeno-almoço para Craig, enquanto sacudia fatias de pão de cereais acabadas de sair da torradeira e girava sobre si mesma para tirar uma compota do frigorífico. Não era frequente adormecerem, mas naquela manhã acontecera, e agora era pouco provável que conseguissem levar os filhos à escola a tempo.

– A que horas tem o pai de estar no tribunal, sabes? – perguntou Alicia a Darcie.

Engolindo uma colher generosa dos seus cereais favoritos, Darcie abanou a cabeça. Os seus grandes olhos castanho-chocolate permaneceram colados ao ecrã. Aparentemente, o que Andrew Castle tinha a dizer naquela manhã era ainda mais fascinante do que o exemplar mais recente da *heat*, que se encontrava aberto ao lado da taça de cereais, mas entretanto abandonado. Sabendo que Craig não ficaria bem impressionado com a revista, Alicia agarrou-a e enfiou-a na sua grande mala. Discussões eram algo de que não precisava naquela manhã.

– Ei! – protestou Darcie. – Isso é meu.

– Devolvo-ta logo à noite – respondeu Alicia –, mas já sabes o que o teu pai pensa desta revista.

– Ele é tão antiquado – resmungou Darcie.

– Vai lá prender o teu cabelo – disse Alicia.

– Não podes fazer tu isso? Trouxe a escova para baixo.

– Acho que nessa frase falta um "por favor"... – disse Alicia, começando a desembaraçar as espirais louras de Darcie, tão parecidas com as suas.

– Prende-o com uma trança em cima, por favor – disse Darcie, passando-lhe a escova.

– Hoje tens aula de teatro a seguir à escola?

– Não, foi cancelada, mas a Sra. Jay vai dar-nos uma aula de dança de substituição, por isso saio às cinco. Vais-me buscar?

– Não, esta semana é a mãe da Verity que faz a ronda da tarde. A propósito, é melhor ligares à Verity para lhe dizeres que estás atrasada.

Quando Darcie foi desligar o telemóvel do carregador, Alicia acompanhou-a, continuando a entrançar-lhe o cabelo. Finalmente, Craig e Nathan começaram a descer, com os pés a trovejarem sobre as escadas e as vozes sobrepondo-se mutuamente enquanto conversavam. Quando chegaram à cozinha, Craig dizia:

–... por isso, a coisa não deu porque ela não tinha cerejas suficientes no bolo dela.

Nat sorriu.

– Que quer isso dizer? – perguntou.

– Que ela não tinha fruta que chegasse – respondeu Craig, e Nat desatou a rir.

– O Oliver disse isso? – exclamou, referindo-se ao parceiro de Craig na sala de audiências, que era mais conhecido pelo seu conservadorismo que por algum tipo de humor atrevido.

– Juro-te, foi o que ele disse – respondeu Craig, rindo também, enquanto tirava o saquinho de chá da sua chávena.

Com o seu espesso cabelo negro-azeviche, olhos escuros intensos e feições requintadamente moldadas, era um homem extraordinariamente atraente, cujo metro e oitenta e sete fazia por vezes parecer ainda mais intimidante que o seu ar de *Queen's Counsel*¹ extremamente bem sucedido. Naquela manhã, com o seu fato Armani escuro, camisa branca reluzente e gravata cinzenta escura solta à volta do colarinho, parecia tão charmoso e devasso como um playboy que passou a noite inteira acordado, uma vez que era evidente que ainda não tinha tido tempo de se barbear.

– É uma tirada brilhante... – disse Nat, uma cópia a papel químico do pai, à exceção dos olhos, enquanto começava a comer os Weetabix que a mãe já tinha preparado.

– Tenho de me lembrar disto. Não tem cerejas que chegue no bolo.

– Vocês os dois são tão sexistas – disse Darcie, enquanto Alicia acabava de prender o seu cabelo entrançado. – Ainda está a chover? Se estiver, não há educação física.

– Mas precisas na mesma de levar o saco – disse-lhe Alicia.

– Onde está?

– Na entrada, pronto para lewares.

– Ótimo. Pai, não te esqueceste de que vais dar uma palestra ao décimo segundo ano, pois não? – perguntou.

– É claro que não – assegurou o pai, desligando o telemóvel do carregador. – Está marcado na minha agenda.

¹ N. da T.: o termo não tem correspondente em português. O *Queen's Counsel* (ou *King's Counsel* quando o monarca é homem) é um advogado escolhido para representar e aconselhar juridicamente a rainha de Inglaterra. Normalmente, só recebem esta nomeação advogados de renome e méritos reconhecidos.

– Só não quero que me deixes ficar mal ao esqueceres-te, ou se de repente cancelares porque te surgiu um grande caso.

– Não te vou desapontar – disse Craig, dando-lhe um beijo na testa. – Vais lá estar?

– Daah, tenho doze anos, ainda ando no oitavo – recordou-o Darcie –, mas toda a gente sabe que és meu pai, por isso não me compliques a vida e vê se apareces. E também não digas demasiadas piadas, está bem?, porque, vais-me desculpar, pai, mas não tens mesmo piada nenhuuuma.

Os lábios de Alicia expeliram uma gargalhada repentina, diante da cómica expressão magoada de Craig e, depois de tirar a chávena da mão do marido, substituiu-a pela sua pasta, dizendo:

– Tens de ir, ou o Nat chega atrasado. Barbeia-te no carro. A que horas tens de estar no tribunal?

Craig olhou para o relógio de pulso.

– Dentro de pouco mais de uma hora – respondeu com uma careta. – Anda, filho, vamos embora.

– Levem os casacos – avisou Alicia nas suas costas –, está um frio de rachar lá fora, esta manhã. E tenham cuidado com o gelo nas estradas.

– Espera aí, pai – disse Nat, começando a subir as escadas –, tenho de ir buscar o portátil.

Voltando atrás para beijar Alicia nos lábios, Craig disse:

– Devo chegar outra vez tarde, logo à noite, por isso não esperes por mim acordada.

– Outra vez? – gemeu Alicia. – Já passava da uma quando vieste para a cama.

– Hoje devo chegar mais cedo – assegurou Craig. – Depois ligo-te para dizer a que horas venho.

Quando se preparava para virar as costas a Alicia, esta fê-lo voltar atrás e olhou-o diretamente nos olhos. Não precisava de lhe dizer o que a incomodava, Craig saberia sem que tivesse de verbalizar as suas suspeitas.

– Juro que não é o que estás a pensar – disse ele suavemente –, e tens de parar de fazer estas coisas. Está tudo acabado, e não quero ter de te continuar a dizer isso.

– Achas que sou parva? – murmurou Alicia.

– Alicia, para – resmungou Craig entre dentes. – Agora não temos tempo para isto, e já sabes que estou a trabalhar num caso muito difícil...

– Está bem, desculpa. É só que... Não consigo...

– Eu sei, mas não tens razão – e, sentindo que os olhos de Darcie os observavam, beijou Alicia de novo nos lábios, piscou o olho à filha e desapareceu pelo átrio fora.

– Nat – gritou, enquanto agarrava na gabardina. – Tenho o carro parado à frente de casa, por isso vê se te despachas.

– Já estou a ir – respondeu Nat. – Posso guiar eu?

– Nos teus sonhos.

– Na semana passada deixaste.

Craig já tinha saído, fechando a porta da frente atrás dele para conservar o calor em casa, e o som dos seus passos no curto caminho da frente pavimentado a azulejos teve um fim abrupto quando alcançou o seu Mercedes Classe S.

Ele tinha razão, pensava Alicia, enquanto preparava o saco de Darcie para a escola. Ela tinha de ultrapassar aquilo. Ele não era o único homem casado no mundo que tivera um caso – tantos tinham feito o mesmo, e os seus casamentos sobreviveram. O deles também podia, ou melhor, já tinha sobrevivido, mas se ela continuava assim, nunca confiando nele, sempre a questionar onde Craig estava e com quem estava, acabaria por tornar as suas vidas insuportáveis, e então perdê-lo-ia realmente. O simples pensamento de que isto pudesse acontecer cavou um medo tão profundo no seu coração, que Alicia podia sentir-se a começar a cair, mergulhando cada vez mais fundo, num lugar onde não conseguia ver qualquer luz e onde poderia nunca ser encontrada. Iria mudar, disse a si mesma com firmeza. A partir daquele mesmo dia. Não ia inspecionar mais o telemóvel dele, ou os seus e-mails, e nunca mais ia voltar a falar na outra mulher. No sábado seguinte faziam dezanove anos de casados, por isso ia tratar de que os miúdos não estivessem em casa e ia preparar um jantar à luz das velas, como costumavam fazer... Também colocaria velas por toda a casa de banho e no quarto. Craig gostava de romance, ambos gostavam, e ultimamente tinha havido muito pouco entre eles.

– Hoje vais ao teu estúdio? – perguntou Darcie, pousando a taça de cereais na banca.

– Se tiver tempo – respondeu Alicia, colocando a carteira e o telemóvel no saco. – Sou capaz de ter uma nova encomenda, já te disse? Bolas, esqueci-me de contar ao teu pai. Nat, estas chaves são tuas? – perguntou em voz alta, quando Nat apareceu a descer as escadas aos saltos.

– Sim, acho que sim – respondeu e, correndo pelo átrio fora, segurando o portátil e a mochila no mesmo braço, deu-lhe um ruidoso beijo na face, agarrou as chaves e, depois de depositar outro beijo na testa de Darcie, disse:

– Até logo. Não se esqueçam de que logo à noite a Summer vem comigo.

- Quem me dera que ele estivesse a falar da estação do ano e não da namorada²
- murmurou Darcie. – Detesto quando está tanto frio.
- Anda lá – disse Alicia –, temos de nos ir embora. Já ligaste à Verity?
- Mandeí-lhe uma mensagem.
- Mãe, meteste aqueles CD vazios no meu saco? – gritou Nat da porta.
- Sim.
- OK. Obrigada. Fui.

Nathan abriu a porta e Alicia tinha acabado de pegar no comando para desligar a televisão quando ouviu o grito. O tom daquela palavra única – *Pai!* – gelou-lhe o sangue. De súbito, estava a correr, com Darcie colada aos seus calcanhares. Quando abriu a porta de par em par, Nat estava junto ao carro, dobrado sobre o pai, que tinha o corpo caído meio dentro, meio fora do lugar do condutor.

– Craig – disse Alicia sem fôlego, e, correndo pelo caminho abaixo, caiu no chão junto a eles. – Que foi? Que aconteceu? – gritou, tremendo tão violentamente que lhe afetava o raciocínio.

– Não sei – respondeu Nat. – Pai – chamou ele ansiosamente, abanando Craig pelo braço. O corpo de Craig estava inerte, o seu rosto acinzentado, a boca tinha um tom azul arroxeadado. – Que lhe aconteceu? – perguntou Nat numa voz rouca, enquanto Alicia, quase sem saber o que fazia, encostou o ouvido ao peito do marido.

– Chama uma ambulância – disse roucamente.

Lívido, Nat procurou desajeitadamente o telemóvel.

– Mãe! – gemeu Darcie, com as mãos tapando a boca.

– Craig. Oh, meu Deus, por favor, Craig – gritou Alicia, começando a bater-lhe com as mãos no peito.

– Não, mãe, não! – berrou Darcie.

– Preciso de uma ambulância, por favor – disse Nat ao telefone.

– Vai ver se o Dr. Cramer está em casa – gritou Alicia para Darcie.

Darcie desatou a correr pela rua fora e entrou desarvorada pelos portões da casa quatro números mais abaixo.

Nat olhava horrorizado para o pai enquanto comunicava ao operador o seu endereço. No extremo da praça, os carros rugiam e assobiavam ao longo de King's Road. Uma sirene, demasiado rápida para ser para eles, carpia e apitava como uma gaita de feira. Alicia agarrou Craig pelas lapelas e sacudiu-o, como se a sua raiva e pânico pudessem injetar alguma vida no corpo do marido. A cabeça de Craig pendia

² N. da T.: jogo de palavras ocasionado pela coincidência entre o nome da personagem e *summer*, verão.

para um lado, os olhos estavam semicerrados como se olhassem para ela de uma maneira algo cansada e divertida.

– Vais chegar atrasado – disse Alicia furiosa, por entre soluços.

– Ele vem já – disse Darcie, correndo de volta para junto deles.

Minutos depois, o Dr. Cramer deixou-se cair ao lado de Alicia, de joelhos no mesmo charco de água. Alicia afastou-se, permitindo-lhe chegar a Craig, mas sabia, mesmo antes de o médico se virar e abanar a cabeça, que já era tarde de mais. Apertou uma mão sobre a boca à medida que um soluço histérico irrompia do seu coração.

– Craig! – gritou desesperadamente. – Craig, não!

E, atirando-se a Craig, agarrou-se a ele com força, e continuava agarrada ao corpo do marido, dizendo o seu nome por entre soluços, quando a ambulância chegou e gentilmente a desprendeu dele.